

Análise de uma Fotografia de Família

Maria da Conceição Ferreira Antunes¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o uso da fotografia enquanto instrumento de investigação. A partir de uma fotografia de família, a autora se propõe reconstituir, com recurso à memória, o imaginário social dos seus personagens e entender a sua ligação a outros espaços. A emigração surge assim como uma constante estrutural incontornável que atravessa as gerações de ilhéus, contribuindo para importantes transformações na paisagem urbana e social das ilhas dos Açores. A dupla pertença, a mobilidade espacial, a alteração dos traços arquitetónicos tradicionais são disso exemplos.

Palavras-chave: Fotografia de Família. Tempo presente/Tempo passado. Memória. Fragmentos/Reconstrução.

Abstract

The present article has the objective of reflecting about the use of photography as an investigation tool. Departing from a family portrait, the author proposes a reconstitution resorting to her memory, the social imaginary of its subjects, in order to understand her connections to other realities. Immigration thus appears as a constant and unavoidable structure going through generations of islanders contributing for important transformations in the urban social landscape of the Azores Islands. The double belonging, space mobility and the alteration of the traditional architectural traits are examples to consider.

Keywords: Family Portrait. Present time/Past time. Memory. and Fragments/Reconstruction.

1 Introdução

A fotografia de família, considerada como um ritual do culto doméstico (Bourdieu, 1965), assume um papel de relevo na história e no espaço familiar. Ela é o testemunho de acontecimentos solenes na trajetória dos sujeitos – enlace matrimonial, batizado, comunhão dos filhos, festa de aniversário, reunião de família, etc. - num tempo e espaço determinados podendo ser vista num momento futuro ao seu registo.

Enquanto bem pessoal, e como refere Walter Benjamin “com valor de culto” (1975), a fotografia de família é guardada em álbuns ou caixas como se fosse um tesouro familiar. Quando exposta, o local escolhido no ambiente doméstico, é a parede com maior visibilidade, uma cômoda na sala, um móvel à entrada da casa, onde, por vezes, partilhará aquele espaço com outras imagens sagradas.

¹ Mestra em Relações Interculturais pela Universidade Aberta - Lisboa, Portugal.

² Dissertação de Mestrado intitulada: “O Associativismo em Toronto: Estudo de Quatro Associações Portuguesas”,
Vol.4, N.º1. Jan. – abr. de 2015.

Como parte do legado transmitido aos descendentes, a fotografia de família adquire novos significados. Ela é vista como o testemunho de um passado real. Ela desperta o desejo de identificação. Ela procura desvendar a memória familiar e a história social, apresenta-se como forma de conhecer as raízes e, suscita questões, bem como remete a outras vivências.

Este artigo não é fruto do acaso. A investigação que levei a cabo no âmbito do mestrado em Relações Interculturais², em 2002, articula-se de algum modo com o projeto que estou a desenvolver sobre a emigração portuguesa no Canadá³, o qual recorre à imagem enquanto instrumento e objeto de pesquisa.

Neste sentido, como refere Paul Valéry, na base de um projeto há sempre uma experiência pessoal, proponho-me fazer uma reflexão sobre uma fotografia de família, que casualmente encontrei num álbum de família.

Figura 1 – Fotografia de Família.



Fonte : Arquivo pessoal da autor.

² Dissertação de Mestrado intitulada: “O Associativismo em Toronto: Estudo de Quatro Associações Portuguesas”, Universidade Aberta, Lisboa (Portugal).

³ Doctorat en Sémiologie, UQÀM, Université du Québec à Montréal, Canadá.

2 Evocação da Memória

Trata-se da fotografia dos meus avós maternos com as três filhas, sendo a do meio a minha mãe. Enquanto familiar desta, está implícita a existência de uma relação afetiva. Enquanto investigadora procuro adotar uma posição reflexiva, tendo em vista a abertura a outros percursos.

É um retrato de família em preto e branco. Não me seria difícil situá-lo no tempo, mesmo que desconhecesse a sua proveniência. Ao primeiro olhar, o vestuário e o visual das personagens remetem-me para a década de 20 do século passado. De fato, a data aproximada situa-se entre 1928-1929. Contudo, se esta fotografia me fosse estranha ser-me-ia impossível situá-la no espaço geográfico devido à falta de referências escritas. Mas, através do depoimento da minha mãe, sei que teve lugar na Praia da Vitória, ilha Terceira, Açores.

É perceptível que foi tirado no interior de um estúdio. Nota-se que o operador, como sugere Roland Barthes, não captou as imagens inesperadamente, agindo pela surpresa. Decerto, houve uma pré-encenação que se verifica tanto pela distância existente entre os retratados e a distância e a posição da câmara que embora invisível se percebe estar lá, como na pose adotada pelas pessoas retratadas através da postura corporal, da expressão facial, dos gestos estudados.

De igual importância são a posição, a centralidade e os planos em que são colocadas as personagens na fotografia e que refletem as relações entre elas. O retratado está sentado assumindo um ar patriarcal numa atitude que denota dignidade e respeitabilidade. Por sua vez, a retratada encontra-se de pé, o que, em relação ao retratado provavelmente significaria que o seu estatuto fosse subalterno, papel este que seria, na época, o da mulher em geral. Neste sentido, o vestuário da retratada parece reforçar essa ideia, visto que a cor clara dá-lhe um ar mais apagado parecendo fundir-se com o cenário de fundo por oposição ao vestuário negro do retratado que lhe dá uma posição de destaque, de superioridade.

Quanto às três filhas, a mais nova encontra-se sentada, supõe-se, num banco de estúdio fotográfico, entre o casal de retratados, a mais velha do lado esquerdo do retratado e a do meio ao lado da retratada, ambas de pé.

Quando contemplamos uma fotografia não nos cingimos apenas a essa fotografia. A nossa memória remete-nos para outras lembranças, imagens, expressões típicas e até outros cheiros, que já não fazem parte do nosso quotidiano e que são reavivados pela fotografia que vemos. O que nos leva à

reflexão de Miriam Moreira Leite (2000), quando refere, “(...) não olhamos apenas para uma foto, sempre olhamos para a relação entre nós e ela”.

De fato, a fotografia em análise faz reviver na minha memória três épocas distintas. A primeira, é uma época passada, que existiu antes do ser que eu sou, época que fui “reconstruindo” com os fragmentos de histórias que ouvia da minha mãe, dos meus avós, ou até de outras pessoas mais velhas, ou que vim a completar no meu percurso acadêmico. A segunda época é a da chegada à ilha onde passei a infância, e a terceira época é a do regresso à ilha, por um curto período, três décadas mais tarde.

Por conseguinte, ao tentar me situar nessa primeira época, o que me vem à mente, em primeiro lugar, são as dificuldades materiais. Com efeito, ao observar a fotografia em estudo, não posso deixar de pensar no sacrifício que inevitavelmente o meu avô teria feito para retratar a família. Daquilo que sei, o dinheiro era quase inexistente, eram os bens, como ovos, milho, trigo, leite que serviam de moeda de pagamento. O que me leva a crer que a fotografia desempenhava um papel simbólico na legitimação da família. Nas imagens da minha infância revejo as paredes do “meio da casa”⁴ dos avós cobertas de fotografias onde os ascendentes tinham um lugar de destaque, bem como as superfícies dos grandes baús repletos de fotografias emolduradas a enquadrar as imagens dos santos.

Um dos grandes problemas da ilha, na época dos meus avós, e que se manteve ao longo dos tempos, tinha a ver com o atraso e com as dificuldades da economia insular que se traduziam na falta de perspectivas para uma grande parte dos ilhéus. Por isso, a emigração⁵ era o sonho de qualquer ilhéu. Já nessa época era frequente os membros de uma mesma família emigrarem para espaços geográficos distintos. Foi o caso de uma irmã do avô que foi juntar-se aos padrinhos instalados no Brasil. Três dos irmãos emigraram para os Estados Unidos. O avô, por sua vez, não emigrara porque tinha receio de andar de barco. Poucas notícias havia desses irmãos, talvez porque não soubessem ler nem escrever, o analfabetismo era comum na época, mas constava que levavam uma vida dura na Califórnia trabalhando como vaqueiros, nas *farms*, onde passavam meses a fio sem encontrar viva- alma. Mesmo

⁴ Compartimento polivalente que, nas habitações mais rudimentares (frequentemente com três compartimentos dispostos em linha), fica situado entre a cozinha e o quarto e serve de sala de entrada. In www.inventario.iacultura.pt/graciosa/santacruz/glossario.html

⁵ Na história de Portugal a emigração é um fenómeno marcante que remonta à época da expansão marítima. No que diz respeito aos Açores, Sacuntala de Miranda refere-se à existência de ciclos de emigração. O Brasil surge como principal pólo de atração desde os tempos da colonização do território brasileiro atingindo o auge no segundo quartel do século XIX. Na viragem para o século XX, os Estados Unidos passam a ser o destino preferencial dos ilhéus. A adoção de medidas restritivas pelos americanos veio travar este ciclo e as Bermudas passam a ser o destino de muitos açorianos que só veio a abrandar com a II Guerra Mundial. Entre o Brasil e os Estados Unidos surge ainda o Hawai como um ciclo de menor duração. A emigração volta a ser reanimada depois da II Guerra Mundial para os Estados Unidos, embora de forma mais seletiva, e passa a incluir a partir dos anos 50 o Canadá.

assim enviaram algum dinheiro (dólares americanos) à mãe do avô que comprou uns cerrados⁶, mais tarde hipotecados por uma das filhas, que décadas mais tarde também viera a emigrar para o continente americano, em pagamento de “consultas” à curandeira da vila para os tratamentos “médicos” da mãe. Nessa época não existia o conceito de “serviço de saúde”⁷ acessível à população.

Ao perscrutar a fotografia, o meu olhar detém-se na irmã mais velha da minha mãe e que nunca conheci. Segundo consta, teria morrido ainda adolescente, com a chamada “doença do rei de Espanha” que, de acordo com a ideia que circulava à época, consistia em sangramento nasal devido ao excesso de sol na cabeça. Essa tia tinha como tarefa impedir que os melros comessem o milho que fora semeado, praticamente a base de sustento da maioria dos ilhéus.

A segunda época que a fotografia ressuscita na minha memória refere-se à fase da minha infância na ilha. Foi aí que eu vi os avós pela primeira vez. Nenhum deles se parece com a fotografia. Na verdade, quando olho para as imagens retratadas, perscruto-as, procurando algum traço que se lhes assemelhe. A dureza da vida, aliada à passagem do tempo fizeram sobressair as suas marcas, apagando certa delicadeza dos traços. Sempre conheci a avó vestida de escuro com a cabeça coberta com um lenço, de galochas, muito vivaça e atarefada. Apesar de tudo tinha grande senso de humor e era muito otimista. Talvez por isso tenha vivido até aos noventa anos. Quanto ao avô, sempre silencioso, tinha um ar muito franzino, usava sempre uns “alvarozes”⁸ de ganga azul, umas sapatilhas, e tinha uns olhos azuis profundos e transparentes que pareciam espelhar uma vida de sofridão. À noitinha, estava invariavelmente sentado numa cadeira pintada de azul, ao pé da janela da cozinha, com aquele olhar perdido no infinito, e de onde uma lágrima teimosa por vezes aflorava.

Na década de 50 inícios da de 60, a ilha tinha conhecido uma ligeira evolução. Muitos continentais⁹ optaram por lá ficar depois do fim da II Guerra Mundial. Por sua vez, os americanos instalaram-se na Base Aérea das Lajes e dinamizaram um pouco esta economia de subsistência. Porém, a emigração continuou no imaginário dos ilhéus, tendo começado a diminuir para o Brasil e passando a ser dirigida para os Estados Unidos e Canadá, países que alargavam o sistema de quotas instituído quando as catástrofes sísmicas e vulcânicas que abalavam constantemente a ilha eram mais fortes e causavam prejuízos materiais. Lembro-me que, por alturas do São João, um dos rituais consistia em

⁶ Pastagens.

⁷ O acesso aos cuidados de saúde passou a ser universal e gratuito a partir de 1979, com a publicação da Lei n.º 56/79, de 15 de setembro, que lançou as bases para a criação do Serviço Nacional de Saúde (SNS) em Portugal.

⁸ Jardineiras (do inglês “over alls”), *in* <http://dicionarioterceirense.ilhaterceira.net/>

⁹ Contingentes militares enviados para o arquipélago dos Açores, pelo Governo Português, por alturas da II Guerra Mundial, para apoio às forças aliadas, Grã-Bretanha e Estados Unidos *in* www.historiadeportgal.infobase-das-lajes.

partir um ovo num copo e deixá-lo ao luar coberto com uma toalha de linho. Antes do Sol nascer era com ansiedade e devoção que se fazia a “leitura” da figura que transparecia no copo. Tanto podia ser uma igreja, o que vinha de encontro aos sonhos de toda a moça solteira, pois o casamento era o único projeto de vida, como um barco ao qual não faltavam os mastros, o que significava viajar para a América, e até às vezes um caixão, prenúncio de más notícias. O certo é que se acreditava piamente no prognóstico.

Recordo-me ainda que os rituais religiosos e pagãos estavam presentes no quotidiano dos ilhéus. Uma das filhas de uma vizinha - a tia Amélia – a morar na canada¹⁰ da frente, cuja família se dispersara, desde a época oitocentista, pelo Brasil e depois para Estados Unidos para onde ela emigrara mais tarde – era dada a ataques, espécie de histeria que a fazia “encarnar” a alma do avô ou de algum tio que não tinha sossego no outro mundo, por ter deixado este, ficando a dever a algum santo uma promessa. Era então chamado alguém entendido em exorcismos. Aparentemente, a rapariga melhorava depois dos familiares prometerem que se pagaria a promessa. Esta consistia, em geral, na matança de um bezerro – engordado com enormes sacrifícios – do qual toda a gente na vila recebia um quinhão e aproveitava-se para socializar e festejar com vizinhos, amigos e parentes distantes.

Havia uma época do ano que as crianças esperavam com ansiedade: era o Natal. Para além do ambiente festivo que se vivia, se bem que sempre imbuído de muita religiosidade – embora nas casas das famílias dos continentais essa religiosidade fosse muito menos celebrada –, na escola recebíamos uma meia, em geral vermelha ou azul, a abarrotar de brinquedos, caramelos, “gamas¹¹” sem nunca faltar uma pasta de dentes ou um sabonete. Esta “dádiva”, apreciada por todos, era oferecida às escolas pelos americanos instalados na Base Aérea das Lajes.

Foram lembranças como estas que mais tarde me acompanharam para o Continente e que ficaram “arquivadas” num precioso cofre da minha memória, como se fossem parte de um código de valores que não tem mais lugar no mundo de hoje.

A terceira época, consistiu na minha visita à ilha, três décadas mais tarde. Também ali, tal como nas aldeias e vilas do Continente, eram visíveis os sinais de mudança que passam pela emigração contínua¹² e adesão de Portugal¹³ à União Europeia.

¹⁰ Azinhaga, in <http://www.priberam.pt/dlpo/canada>.

¹¹ Pastilha elástica (do inglês « gum »), in <http://dicionarioterceirense.ilhaterceira.net/>.

¹² Godinho, Vitorino Magalhães considera “o fenómeno da emigração como uma constante estrutural ao longo da história portuguesa, pelo menos desde há quase cinco séculos” (1978).

¹³ Portugal aderiu à União Europeia a 1 de Janeiro de 1986. In <http://www.portugalglobal.pt/>.

A maioria das casas, sobretudo nas terras menores, encontrava-se desabitada e tinha perdido aquelas características típicas da ilha para dar lugar a vivendas ao estilo americano e canadense, algumas com piscinas, construídas com as remessas enviadas pelos emigrantes, arvorando orgulhosamente as bandeiras dos Estados Unidos, do Canadá, dos Açores e, nalguns casos, da União Europeia. Outras, mais modestas, às vezes em ruínas, testemunhavam a tendência sísmica que sempre acompanhou o quotidiano do ilhéu. Apenas as igrejas guardavam o estilo tão característico da ilha mas, outrora sempre abertas, agora, devido aos roubos de arte sacra, da caixa de esmolas e de toda a espécie de vandalismo de que eram alvo encontravam-se fechadas, só abrindo nas horas de culto.

Longe vai o tempo do meu avô em que viajar constituía um problema. Nos dias de hoje, à semelhança do que se passava em tempos idos, a maioria dos ilhéus, tal como no meu caso, viram os seus familiares próximos emigrar para os Estados Unidos ou Canadá. Enquanto cidadãos de dois países, muitos desses emigrados, no momento de usufruírem da reforma, passam a integrar o chamado “movimento pendular”, isto é, optam por viver uma parte do ano junto dos filhos e descendentes nos países onde foram acolhidos, Estados Unidos e Canadá, e a outra parte do ano na ilha, em geral no Verão. É nesta altura que os poderes locais, depois de uma intensa divulgação ao longo do ano, no seio das comunidades emigrantes no continente Norte Americano, promovem as festas, que incluem procissões e touradas, com o intuito de reanimar a economia das ilhas, e na esperança de reavivar o patriotismo e atrair os descendentes.

3 Em Jeito de Conclusão

Nesta breve análise recorreremos aos segmentos, “campo” e “fora de campo” da fotografia. O primeiro teve em conta a linguagem visual das imagens delimitadas num determinado espaço, o segundo reporta-se ao que não está visível mas que remete para a fotografia através da herança de uma memória cultural e social que transcende o tempo.

A evocação da memória é uma das características que vem sendo explorada na fotografia. Já em meados do século XIX, Olivier Wendell Holmes (1864), teórico da fotografia, referia-se a esta como sendo o “espelho da memória”.

Uma das críticas que lhe são apontadas é a questão da subjetividade, inerente à fotografia desde o momento da sua criação até à sua interpretação na qual o conhecimento do contexto cultural, social e político são aspectos determinantes.

Contudo, tal como sugere Bourdieu (1965), entre outros, o uso da fotografia, independentemente da perspectiva adotada no campo científico constitui sempre um desafio importante quer do ponto de vista epistemológico como metodológico.

4 Referências

BARTHES, Roland, *A Câmara Clara*, Lisboa [Portugal], Edições 70, 2009.

BENJAMIN, Walter. Pequeña Historia de la Fotografía. In : *Discursos Interrumpidos* - 1, Madrid, Editorial Taurus, 1975.

BOURDIEU, Pierre. *La definición social de la fotografía. La fotografía: un arte intermedio*. México, Nueva Imagen, 1979.

BOURDIEU, Pierre. *Un art moyen* : Essai sur les usages sociaux de la photographie. (Minuit, Le sens commun, 2003 [1965]).

GODINHO, Vitorino Magalhães. L'Emigration portugaise (XVè-XXè siècles). Une constante structurale et les réponses aux changements du monde. *Revista de História Económica e Social* 1:5-32, 1978.

HOLMES, Olivier Wendell. *Soundings from Atlantic*, Boston, Ticknor & Fields, 1864.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*, S. Paulo, Edusp, Texto Arte, Vol. 9, 2000.

MIRANDA, Sacuntala de. *A Emigração Portuguesa e o Atlântico, 1870-1930*, Lisboa, Edições Salamandra, 1999.

VALÉRY, Paul. Discours du centenaire de la photographie. *Études photographiques*, 10, pp. 88-106, 2001.